

O BLOG DO NOBLAT: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA DE COMENTÁRIOS¹

Flavio Biasutti Valadares²

Pós-Doutorado em Letras/Mackenzie-SP
Doutorado em Língua Portuguesa/PUC-SP
Docente IFSP/Campus São Paulo

Ruth Agostinho Araújo³

Graduanda em Letras-Português
IFSP-Campus São Paulo

RESUMO

O artigo analisa comentários postados por leitores, que reproduzem a oralidade na escrita em suportes digitais, em *blog* jornalístico. O estudo objetiva identificar e descrever recursos linguísticos que produzem traços de usos tipicamente da oralidade, procedendo metodologicamente à análise do *Blog do Noblat*, cujo conteúdo trata de política, a partir do levantamento de publicações feitas por duas semanas, no mês de setembro/2017. A escolha justifica-se pela longevidade do *blog*, pelos assuntos tratados e pelo pioneirismo. A base teórica sustenta-se nos postulados de Marcuschi (2002, 2003, 2005), Hilgert e Crestani (2013), Crystal (2001), Komesu (2005) e Recuero (2009). Conclui que a concepção relativa à oralidade e à escrita que o usuário da língua possui pode levá-lo a adotar certos traços da língua falada, observado o lugar de uso, seu papel como usuário e o suporte no qual utiliza a língua escrita.

Palavras-chave: Oralidade. *Blogs*. Análise linguística.

Introdução

Neste artigo, propomo-nos a analisar como comentários postados por leitores de *blogs* jornalísticos têm ocupado espaços na internet, com uma utilização da língua em situação de interação que reproduz traços de oralidade na escrita em suportes digitais, diferenciando-se de um padrão escrito informal. Como objetivo, selecionamos comentários feitos por leitores do *Blog do Noblat* e descrevemos recursos linguísticos que apresentam, em textos postados na forma escrita/digitada, traços de usos tipicamente da oralidade. O levantamento de publicações de textos pelo titular do *blog* foi realizado durante duas semanas em setembro de 2017, sendo uma para observação das notícias e outra para recolha dos comentários analisados.

¹ Resultado preliminar, 1ª etapa, de pesquisa de iniciação científica – PIVICT/IFSP. Trabalho resultante do Grupo de Pesquisa, certificado CNPq, Descrição do Português do Brasil/IFSP.

² Endereço eletrônico: flaviovaladares2@gmail.com

³ Endereço eletrônico: ruthosaaraujo@gmail.com

Antes de seguirmos, cabe-nos destacar que, em 2006, houve um debate⁴ sobre a explosão de *blogs* jornalísticos, em que se discutiu a revolução que o uso cada vez mais popularizado de *blogs* por jornalistas vinha provocando nas relações entre a imprensa e seus leitores, refletindo a respeito das mudanças que a utilização cada vez mais constante dos *blogs* – sejam eles vinculados aos veículos tradicionais ou independentes – trazia para as coberturas jornalísticas no país. Nesse sentido, nossa pesquisa encontra sustentação ao lidar com um novo suporte que prevê, *a priori*, por ser jornalístico, uso da norma padrão de nossa língua, mas que está aberto ao acesso de variados tipos de leitores e que, por fim, devido às possibilidades desse novo suporte, podem registrar seus comentários, não sendo necessariamente especialistas nos temas tratados ali.

Nessa perspectiva, frisamos, considerando o que defendem Hilgert e Crestani (2013, p. 259), que “a oralidade em textos escritos é, à primeira vista, paradoxal, já que, em sentido específico, a noção de oralidade se identifica com a de manifestação linguística falada”. Os autores destacam que, à medida que “um autor incorpora, por alguma razão, na elaboração de seu texto escrito, recursos linguísticos próprios das interações faladas ou que evocam esse tipo de interação, está atribuindo, em grau maior ou menor, um caráter de oralidade a esse texto” (HILGERT E CRESTANI, 2013, p. 259).

Assim, pretendemos mostrar como os recursos linguísticos próprios das interações faladas, seguindo o que sustentam Hilgert e Crestani (2012), vêm se configurando nesse espaço tecnológico, por meio do *blog*, suporte já inserido como gênero textual (MARCUSCHI, 2005), em relação a novas formas de interação das comunidades linguísticas. Além disso, destacamos, apoiados em Hilgert e Crestani (2013, p. 259), que “a oralidade é um traço comum e de presença destacada em textos escritos construídos para serem veiculados pela internet. Atestam esse fato os diferentes gêneros que se constituem e circulam nesse meio, como o chat, o MSN, o e-mail, o *blog*, os jornais *online*”.

Nesse ponto, cumpre-nos esclarecer que os gêneros textuais, na visão de Marcuschi, caracterizam-se como

eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. Os gêneros textuais surgem,

⁴ <http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/globo-debate-explosao-dos-blogs-jornalisticos-4584315> Acesso em 03.out.2016

situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. [...] São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sócio-pragmáticos caracterizados como práticas sócio-discursivas. (MARCUSCHI, 2002, p. 20)

Dessa forma, como aponta Marcuschi (2002, p. 19), “os gêneros são, em última análise, o reflexo de estruturas sociais recorrentes e típicas de cada cultura”. Especificamente, acerca do gênero *blog*, para o autor, existem propriedades como uma relação temporal assíncrona, duração indefinida, extensão de texto indefinida, formato de texto corrido, múltiplos participantes, além de, na relação entre os participantes, ser o autor do *blog* um sujeito conhecido ao passo que seus leitores/destinatários não o são obrigatoriamente.

Ainda nesse ponto, é importante dimensionarmos que Marcuschi define gêneros virtuais como

interativos, geralmente síncronos (com simultaneidade temporal), embora escritos. Isso lhes dá um caráter inovador no contexto das relações entre fala – escrita. Além da possibilidade cada vez mais comum de inserção de elementos visuais no texto (imagens, fotos etc.) e sons (músicas, vozes), pode-se chegar a uma interação com a presença da imagem, voz, música e linguagem escrita numa integração de recursos semiológicos. Quanto a isso, há outro aspecto nas formas de semiotização desses gêneros relativo ao uso de marcas de polidez ou indicação de posturas. São os conhecidos *emotions* (ícones indicadores de emoção) ao lado de uma espécie de etiqueta netiana (etiqueta da internet) trazendo descontração e informalidade à formulação (monitoração fraca da linguagem), tendo em vista a volatilidade do meio e a rapidez da interação. (MARCUSCHI, 2005, p. 12)

E complementa com a apresentação de três aspectos relevantes para a noção de gênero digital: o uso cada vez mais generalizado desse gênero, suas peculiaridades formais e funcionais e necessidade de que sejam revistos alguns conceitos, como os de oralidade e escrita.

Em perspectiva relativa ao desenvolvimento na área da tecnologia da informação, Crystal (2001, p. 7) explica que tal desenvolvimento trouxe consigo uma série de expressões com o prefixo “-e” como, por exemplo, *e-mail* (correio eletrônico), *e-book* (livro eletrônico), *e-therapy* (terapia virtual), *e-manager* (negócios eletrônicos), *e-business* (negócios virtuais) etc. Na era digital, como ressalta o autor, são gêneros textuais emergentes: *e-mail*, *chat* em aberto, *chat* reservado, *chat* agendado, *chat* privado, entrevista com convidado, lista de discussão (*workgroups*) e *weblogs*.

Em relação a isso, Crystal esclarece que a comunicação vem sendo mediada via uso da linguagem escrita; contudo, a escrita usada no meio virtual vem se caracterizando com um uso mais coloquial, isto é, com o uso destas novas tecnologias, naturalmente, o reflexo para um

novo padrão de comportamento linguístico dos usuários da língua é patente. Desse modo, Crystal afirma:

À medida que, cada vez mais, se adota uma perspectiva social para compreender a Internet, o papel que desempenha a linguagem se converte também em um objetivo central. Tanto é assim, que sem querer menosprezar as notáveis conquistas tecnológicas da Internet, nem a originalidade e a variedade na apresentação de conteúdos visuais, o que se torna evidente de imediato é a sua natureza linguística. Se a Internet é uma revolução, é provavelmente uma revolução linguística. (CRYSTAL, 2001, p. 8)

Dessa maneira, retomando nosso objetivo, neste artigo, analisamos usos de oralidade⁵ presentes nos comentários de leitores, publicados no *Blog do Noblat* – www.noblat.com.br. A justificativa para tal seleção ampara-se na longevidade do *blog* escolhido, nos assuntos tratados e no pioneirismo, a partir da noção de que o ineditismo que ele teve mais de 10 anos atrás encaminha para uma análise, em um primeiro momento, da migração de suporte; e, um segundo momento, de audiência em seu *blog*, bem como da participação efetiva de seus leitores com comentários.

Silva, sobre o *Blog do Noblat*, destaca que

essencialmente, o *blog* se compõe de fatos e informações do mundo político, com os bastidores dos partidos, do Congresso, das candidaturas, etc. São furos de reportagem e 'clipping' (reunião de tudo que saiu na mídia sobre determinado assunto) dos principais jornais do país. O *blog* é um balanço de tudo o que acontece na política. (SILVA, 2011, p. 256-257)

Também, o autor, à página 258, ressalta a interatividade com o público-leitor: “no geral, toda a página é uma interatividade. Mas há quatro links nos quais ela fica mais evidente. No menu à esquerda, em ‘desabafe’ e ‘fale com o blog’; no menu à direita, na ‘enquete’; e no final de cada *post*, no campo ‘comente’”.

Contudo, não se consegue proceder a uma classificação universal de gêneros jornalísticos. Nesse aspecto, recorreremos a Silva que lembra:

Além dos gêneros tradicionalmente estabelecidos (notícia, nota, reportagem, entrevista, artigo, editorial, crônica, crítica, charge e carta de leitores), acrescenta-se à lista mais três gêneros: livro-reportagem (embora pertencente ao mercado editorial, não deixa de relatar fatos muitas vezes explorados pelo jornalismo), documentário (igualmente, um meio que aborda a realidade,

⁵ Aqui, cabe esclarecermos que não se trata de internetês, mas sim, de usos escritos que remetem à oralidade, como, por exemplo, a presença da monotongação, aférese, uso da pontuação para indicar entonação *etc.*

ainda que pertença à indústria cinematográfica) e *blog* (depois da explosão da internet, passou a ser uma ferramenta de divulgação usada pelos jornalistas e pelo cidadão comum). (SILVA, 2010, p. 76-77)

A partir do que Silva propõe, destacamos o *blog* e, mais especificamente, o *Blog do Noblat*. O autor exemplifica sua importância ao relatar que:

Pode-se dizer que o *blog* no jornalismo brasileiro ganhou força durante a crise política que envolveu o governo federal com o escândalo do “mensalão”, em 2005. No dia do depoimento do deputado petebista Roberto Jefferson, autor de denúncias de corrupção envolvendo membros do governo Lula, na Comissão de Ética do Congresso Nacional, 14 de junho, o jornalista Ricardo Noblat postou 75 textos em seu *blog*. Com uma média de um texto a cada 17 minutos, Noblat recebeu 72.240 visitantes. A participação do internauta também foi surpreendente, com mais de dois mil comentários inseridos na página. (SILVA, 2009, p. 31)

Um pouco da história do *blog* e uma síntese sobre a concepção de oralidade

Conforme Novaes⁶, em meados de 1997, Jorn Barger, autor de um dos primeiros FAQ – *Frequently Asked Questions* da história da internet, foi pioneiro em desenvolver um sistema no qual uma pessoa poderia relatar tudo o que achasse realmente interessante, na internet. Para nomear esse sistema, adotou-se o termo “weblog”⁷. Ainda conforme Novaes, logo no começo do ano 2000, a empresa Blogger decidiu fazer de cada *post* uma página da web, ou seja, cada *post* do seu *blog* teria uma página só, definida por um endereço do tipo www.seublog.com.br/ano_mes_dia.html. Tal inovação foi denominada “permlink” e tornou-se muito útil para que outros sistemas fossem criados, como por exemplo o sistema de comentários, que utiliza o *permlink* do *post* para diferenciar um *post* do outro.

Novaes também explicita que, com essa nova ferramenta de interação, isto é, com o sistema de comentários, os blogueiros se tornaram mais escritores do que simplesmente blogueiros. Seus textos deixaram de ser apenas um texto “jogado” na internet para ser algo comentado por pessoas, muitas vezes críticas e diretas, que denunciavam até mesmo um simples erro de uso da língua portuguesa.

⁶ A *história dos blogs*. Disponível em <http://www.brogui.com/a-historia-dos-blogs/> Acesso em 08.out.2016

⁷ A abreviação *blog*, por sua vez, foi criada por Peter Merholz, que desmembrou a palavra *weblog* para formar a frase *we blog* (“nós blogamos”) na barra lateral de seu *blog* Peterme.com, em 1999.

Zara⁸ relata que, no Brasil, muitos reconhecem que o paulista Nemo Nox, que não revela a idade nem seu nome de registro, foi o primeiro a criar um *blog* em língua portuguesa, no ano de 1998. Trata-se de “O Diário da Megalópole”, cujo espaço registrava ideias, experiências e também servia para iniciar conversas *on-line*. De acordo com Nox, nada era tão simples, do ponto de vista tecnológico: “O *blog* ainda não existia como ferramenta, foi só um formato de publicação que me pareceu adequado para o conteúdo que eu queria produzir. Na época eu nem sabia que aquilo se chamava *blog*. Ferramentas como o *LiveJournal* e o *Blogger* só foram aparecer mais de um ano depois”. Ele complementa: “Para mim a grande fase foi entre 2000 e 2005, quando os *blogs* mais ativos e mais visitados eram genuinamente de expressão individual, antes de anseios de monetização e antes de todas as revistas e jornais terem também seus *blogs*”, concluindo que talvez tivesse uma visão romântica da questão por ter estado envolvido com o movimento naquela época.

Aqui, cabe nosso registro de como os *blogs* alçaram um patamar que passa a influenciar a opinião pública e de como eles mobilizam opiniões e críticas dos leitores quanto ao que é publicado. Em contrapartida, do ponto de vista da efetividade, a ausência de interação entre o blogueiro e seus leitores pode levar à volatilidade de um *blog*. Simultaneamente, a regularidade de postagens indicia seu sucesso por meio dos acessos registrados e dos comentários postados. Isso se revela, em uma esfera de uso da língua, um campo bastante profícuo para estudos que avaliam o comportamento linguístico desse usuário/“comentarista” que passa a figurar nesse novo espaço em situação simétrica e em condições de participação ativa⁹.

Em números, segundo o *site* [blogsnaeducacao](http://blogsnaeducacao.com)¹⁰, a *blogosfera*, termo que representa o mundo dos *blogs*, progrediu a um ritmo extraordinário. Em 1999, eram poucos os que utilizavam esta ferramenta, cerca de 50 *blogs* existentes. Hoje em dia, há em torno de 70 milhões de *blogs*. Com a criação do ***blogger*** em 1999, começaram a aparecer inúmeros *blogs* atualizados várias vezes ao dia, com reflexões do seu autor sobre muitos temas: local de trabalho, ou a escola, ou outros interesses, como desporto, música, animais *etc.*

Silva (2009, p. 30) menciona que os *blogs* se transformaram em fonte de consulta para os internautas, com dicas, sugestões e técnicas de auxílio e orientação. O autor comenta que “muitos leitores preferem os *blogs* para se atualizarem. [...] o *blog* abre espaço para a

⁸ André Zara. Disponível em <http://temas.folha.uol.com.br/20-anos-da-internet/os-pioneiros/conheca-o-primeiro-blogueiro-brasileiro.shtml> Acesso em 08.out.2016

⁹ Para o espaço deste artigo, ativemo-nos às questões relativas aos recursos linguísticos, mas registramos a importância de se aprofundar a perspectiva do comportamento linguístico desse sujeito nesses novos espaços de interação e de uso da língua.

¹⁰ Disponível em <https://blogsnaeducacao.wordpress.com/2008/01/13/a-historia-do-blog/> Acesso em 08.out.2016

participação ativa do leitor por intermédio do campo de comentário, logo abaixo dos posts inseridos. É um modelo de interatividade, com muitos colaboradores”.

Posto isso, é fundamental que ressaltemos que essa nova maneira de se estabelecer a comunicação e, por conseguinte, a elaboração de novas formas de uso da língua reverberou para os pesquisadores da área de linguagem, o que vem gerando novos contextos de análise, assim como novas teorias linguísticas em razão de novos arranjos linguísticos possibilitados pelo novo suporte. Nesse sentido, retomamos, nos próximos parágrafos desta seção, alguns aspectos relacionados a esse novo gênero textual emergente da internet, como também seus desdobramentos para os estudos da linguagem.

Komesu (2005, p. 110) define que os *blogs* correspondem a diários virtuais, por meio dos quais se podem fazer relatos pessoais. Recuero (2009) explana que há categorias para os *blogs*, sendo que **diários** se referenciam principalmente pela vida pessoal do autor; **publicações** destinam-se principalmente a trazer informação de modo opinativo; **literários** são destinados ou a contar uma história ficcional ou a simplesmente ser um conjunto de crônicas ou poesias com ambições literárias; os **clippings** destinam-se a ser um apanhado de *links* ou recortes de outras publicações; e, finalmente, os **mistos** que misturam *posts* pessoais sobre a vida do autor e *posts* informativos, com notícias, dicas e comentários de acordo com o gosto pessoal.

Na referência de Marcuschi (2005, p. 62), “os *blogs* são datados, comportam fotos, músicas e outros materiais. Têm estrutura leve, textos em geral breves, descritivos e opinativos. São um grande sistema de colagem em certos casos [...]”, ou seja, o que define o *blog* como um e-gênero, para o autor, é o modo como consegue gerar relações temporais assíncronas entre seus múltiplos participantes, também de gerar um produto de comunicação (mensagem) que tem permanência indefinida na rede.

Por fim, vale aclararmos alguns aspectos sobre o *blog* jornalístico. Ferrari (2004, p. 41) salienta que já há algum tempo tem se destacado no meio acadêmico o ciberjornalismo. Ela afirma que “criar e manter um blog, mediar chats, escrever em um fórum, enfim, todas as tarefas que envolvem a criação de textos para os produtos do meio podem ser chamadas de ciberjornalismo”. Nesse sentido, constatamos que os *blogs* jornalísticos têm apresentado uma tendência de composição via *sites* assinados por colunistas, cada qual responsável por textos publicados a partir de uma temática, como política, economia, esporte, cultura, tecnologia *etc.*

Lé observa que

em geral os blogs jornalísticos fornecem comentários ou notícias sobre um assunto em particular, de acordo com temas abordados na versão on line do

jornal. Um blog típico de jornal combina texto, imagens e links para outros blogs, páginas da Web e mídias relacionadas a seu tema. A capacidade de leitores deixarem comentários de forma a interagir com o autor e outros leitores é uma parte importante de muitos desses sites, constituindo, assim, aspecto essencial da sua textualidade. (LÉ, 2011, p. 8)

A seguir, um *blog* jornalístico prototípico, selecionado por nós para melhor exemplificarmos nossa discussão:

Terça-feira, 11/10/2016, às 08:16, por [Cristiana Lôbo](#)

Duas votações e uma eleição

A Câmara dos Deputados que aprovou por 366 votos a proposta de emenda constitucional do teto de gastos para o governo federal é a mesma que em 1º de junho deste ano, também sob o governo Temer, votou o aumento salarial para 14 carreiras para o serviço público federal - medidas antagônicas. Entre uma votação e outra, houve a eleição municipal, na qual o PT foi amplamente derrotado nas principais capitais do país.

O discurso da esquerda brasileira que venceu as quatro últimas eleições presidenciais foi combatido nestas eleições municipais de forma aberta por seus opositores. Em São Paulo, por exemplo, João Dória, que surpreendeu com a vitória no primeiro turno, defendeu desde o primeiro dia um robusto programa de privatização - proposta que envergonhou o PSDB em eleições passadas, a ponto de ser o principal ponto fraco do partido nos pleitos. Em 2006, por exemplo, Geraldo Alckmin, o principal padrinho político de Dória, chegou a vestir uma jaqueta com símbolos de empresas estatais e bancos públicos como demonstração de preservação destes órgãos sob a guarda do governo.

Ao reconhecer a derrota, o prefeito Fernando Haddad previu a dificuldade para o que chamou de "discurso do campo progressista" a partir de agora. De fato, o quadro mudou completamente para o governo Temer, depois das eleições. Havia temor de negociações que pudessem desfigurar a proposta inicial da equipe econômica, mas o que se viu foi uma negociação monitorada de perto pelo Ministério da Fazenda.

A oposição a Temer pregou durante todo o período de discussão da proposta que a emenda constitucional com teto de gastos iria tirar dinheiro da saúde e da educação. Militantes protestaram e até ocuparam a sede da presidência da República em São Paulo. Nada disso inibiu o voto dos governistas. Desta vez, ao contrário. Nas últimas horas da discussão, muitos aliados ao Palácio do Planalto fizeram questão de declarar publicamente o voto a favor a contenção de gastos - assunto sempre rejeitado no mundo político. Até o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso achou que era a hora de declarar publicamente apoio à medida. Toda vez, em governos diferentes, que o Palácio do Planalto temeu pelo resultado de uma votação, ele convocou ministros a seus mandatos para garantir a vitória. Desta vez, ministros pediram para sair a fim de registrar os seus votos.

AUTORES

Cristiana Lôbo

OCULTAR PERFIL

A jornalista acompanha a política brasileira há mais de 30 anos. Trabalhou em O Globo por 13 anos e foi responsável pela coluna de política do Estadão por seis anos. Hoje é comentarista da GloboNews e âncora do Programa Fatos e Versões.

MAIS FALADOS

- política
- Dilma Rousseff
- Michel Temer
- câmara
- corrupção

SOBRE A PÁGINA

Em seu blog, Cristiana Lôbo apresenta os bastidores da política.

39 COMENTÁRIOS

FACEBOOK

<http://g1.globo.com/politica/blog/cristiana-lobo/> Acesso em 13.out.2016

Conforme Lé (2011, p. 9), podemos avaliar um *blog* observando suas características, considerando: (a) assinatura de um colunista do jornal (Cristiana Lôbo, *Portal G1*, em 11/10/2016); (b) ordem cronológica de apresentação (com os *posts* mais recentes apresentados no início da página); (c) foco temático (neste caso, política é o assunto central); (d) correspondência com os assuntos tratados nas edições mais recentes do jornal eletrônico; (e) interação com o leitor a partir da permissão de comentários no *post* e das respostas aos

comentários; (f) natureza multissemiótica, envolvendo, ao mesmo tempo, textos escritos e *links* diretos para redes sociais.

Sobre a oralidade, em seus aspectos conceituais, em breve referência, historicamente, ela apresenta visões teórico-conceituais muito diversas que, por vezes, trazem a questão em uma dimensão na qual se torna necessário definir a natureza do que é falado e do que é escrito num contexto. Andrade (2005, p. 50) explicita que “no mundo atual tanto a oralidade quanto a escrita são imprescindíveis. Importa, pois, não confundir seus papéis e seus contextos de uso, e de não discriminar os seus usuários”.

Neste espaço de trabalho, assumimos a visão sobre fala e escrita de Koch e Oesterreicher, sob o ponto de vista apresentado por Hilgert e Crestani:

Diante da imprecisão dos conceitos de fala e escrita nos estudos que põem textos falados e escritos em relação, Koch e Oesterreicher (1985, 1990, 1994) desenvolveram critérios para distinguir as manifestações linguísticas que esses dois termos denominam. Inicialmente os autores lembram a conhecida distinção dicotômica entre fala e escrita: enquanto *meios* de manifestação linguística, a fala é de caráter fônico, e a escrita, de natureza gráfica. Observam, no entanto, que fala e escrita também identificam textos que se distinguem uns dos outros pela **concepção que deles têm os usuários da língua** (grifo nosso), com base em suas experiências discursivas. (HILGERT E CRESTANI, 2013, p. 260)

Ao entendermos que a concepção quanto à oralidade e à escrita que os usuários podem ter esboça um contínuo que envolve lugar, papel discursivo e grau de relevância (ANDRADE, 2005), inferimos que os recursos linguísticos utilizados, considerando-se esse contínuo, podem trazer manifestações linguísticas conforme os contextos de uso que nos levam a ressaltar a importância de se analisar como se configuram na atualidade esses arranjos linguísticos advindos de novos suportes de/para uso da língua, a partir do que o espaço do comentário em *blog* sob o viés da oralidade propicia ao usuário da língua.

Metodologia, análise e resultados – O *blog* em análise: o espaço do comentário sob a perspectiva da oralidade

Conforme Marcuschi (2005, p. 13), a internet se configura, na sociedade atual, como “uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo” e os gêneros “eletrônicos” que surgem causam impacto e polêmica tanto na linguagem como na vida social. Para o autor, os e-gêneros são manifestações exclusivamente postas em ambientes virtuais, isto

é, espaços de produção e processamento textual que “os abrigam e por vezes os condicionam” (MARCUSCHI, 2005, p. 31).

Neste trabalho, destacamos o *blog*. Além disso, esclarecemos que os comentários realizados ao que é postado em *blogs* jornalísticos, especificamente, são feitos por pessoas sem perfil pré-definido – até por ser um espaço de livre circulação, via de regra, reproduzindo opiniões absolutamente pessoais e que, muitas vezes, não apresentam base técnica; em outros termos, podemos inferir que se trata de comentários pessoais, não sendo possível, portanto, indicar que a mescla entre usuários especialistas e não especialistas exista.

Assim, partindo de que, como aponta Andrade (2005, p. 52), “a **fala** pode ser definida como uma forma de produção textual-discursiva oral com finalidades comunicativas, sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano” e de que “a **escrita** é, além de uma tecnologia de representação abstrata da própria fala, um modo de produção textual-discursiva com suas próprias especificidades materiais”, adotamos, em nossa proposta, analisar como os comentários feitos por leitores em *blogs* reproduzem a oralidade na forma escrita/digitada, ao utilizar o espaço da internet para publicação de seus comentários, ou seja, um suporte previsto, inicialmente, para o uso da língua escrita sendo utilizado como interação falada com registro digitado/escrito.

Para sua consecução, selecionamos os comentários feitos por leitores do *Blog do Noblat*. Analisamos tais textos, com o foco nas construções tipicamente da oralidade, categorizadas, por meio de levantamento prévio¹¹: forma morfológica diferente (novos arranjos possíveis para formação de palavras), ausência de acentuação gráfica (inferência de que isso se liga à oralidade por associação de tonicidade à entonação), monotongação (reduções que visam a uma fala mais espontânea e ágil), aférese (queda ou supressão da parte inicial de um vocábulo) e apócope (queda do /r/ final principalmente em verbos no infinitivo), adoção do “h” como marca de acento agudo (mescla de uso do internetês com oralidade e escrita), repetições de termos/ideias (dupla negação ou dupla afirmação) e uso de expressões formulaicas (típicas de contextos orais populares espontâneos).

¹¹ Adaptado de ZORZI, J. L. *Aprender e escrever*. A apropriação do sistema ortográfico. Porto Alegre: Artmed, 1998.; CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e linguística*. 10ª ed. São Paulo: Scipione, 2003.; BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

A seguir, as categorias pré-estabelecidas e os trechos com comentários para análise, todos referentes a notícias publicadas no *Blog do Noblat* na primeira semana de setembro de 2017¹²:

Forma morfológica diferente – Consideraram-se aqui as formas morfológicas com construção diferente da canônica, mas que não se distanciam das regras de formação de palavras, imprimindo novas possibilidades, como os termos grifados em (1) e (2):

(1) Engraçado como os textos de jornalistas como Noblat são tão bonzinhos e benevolentes com gente como Doria e o tucanato corrupto. Eu gostaria de ver esses textos isentos e sem ataques quando o assunto é o Bolsonaro. Mas aí é demais para o sr. Noblat. Ele não consegue.

(2) “O único bêbado era Joesley, que não sabia que estava sendo gravado”. Então PTemer estava também, foi gravado sem saber. Quem com ferro fere... Só que o que disse foi dito, o áudio passou por perícia que confirmou... Sendo a gravação legal ou não... Se fosse um país sério investigaria tudinho. Só que não... Olha o caso Aécio, continua senador e os R\$ 2 milhões foram fotografados... Será que vão apurar a fala desse áudio: “Nós vamos entregar o Judiciário e o Executivo”. Há bêbados que são mais interessantes quando falam...

Destacamos que (1) “tucanato” surge como termo recente e que está fortemente inserido no contexto político atual. Sua formação por sufixo **-ato** remete ao sentido que conhecemos em “sultanato”, por exemplo, em que se tem a ideia de poder absoluto, o que no comentário enseja a noção de que os tucanos, como são denominados os filiados ao PSDB, vêm dominando a cena política de São Paulo.

Em (2), temos um termo originado a partir de um cenário político, sendo a palavra formada por meio de um processo de aglutinação no qual duas palavras se aglutinaram, mantendo seus radicais intactos, e carregando no novo termo algum traço de significado das palavras iniciais. Em “PTemer”, temos a junção entre “PT”, sigla do Partido dos Trabalhadores, e “Temer”, sobrenome do atual Presidente da República.

Ausência de acentuação gráfica – A tonicidade de uma palavra é marcada pela entonação que o falante dá a ela no ato da fala, por isso inferimos que o usuário/comentarista pode não acentuar por ter a tonicidade marcada em sua fala espontânea, prescindindo da inserção do acento ao

¹² “Doria é o senhor do seu destino, por Ricardo Noblat Noblat.” 5 set. 2017, “Bye, bye, Lula!, por Ricardo Noblat Noblat - Blog do Noblat.” 6 set. 2017, “Fim de jogo!, por Ricardo Noblat Noblat - Blog do Noblat.” 7 set. 2017, “Exclusivo: Saud gravou Joesley, por Ricardo Noblat Noblat.” 8 set. 2017, “A falência do poder civil, por Ruy Fabiano Noblat.” 9 set. 2017, “Flechas tortas, por Mary Zaidan Noblat.” 10 set. 2017 e “O jogo, por Ricardo Noblat Noblat - Blog do Noblat.” 11 set. 2017. Todos os acessos realizados em 25 nov. 2017.

entender que aquele espaço remeteria a uma conversa espontânea, como nos exemplos selecionados de (3) a (8):

- (3) Comentario fora de contexto. Coisa de petista.
- (4) Pela sua competencia (?), acho que seria muito bem recebido como membro da assembleia do amigo maduro...
- (5) Noblat ja havia se queimado quando, em “primeira mao” anunciou a renuncia de Temer. Agora lança o vaticinio sobre Lula. Nao sou petista, nem admirador do Lula. Mas Noblat anda pouco inspirado.
- (6) Os americanos continuam como o grande sargento do mundo, tudo que esses incompetentes fazem de errado como, Brasil, venezuela, cuba e tantas outras republiquetas que se rendem ao eldorado comunistas e vão a falencia, como se faz nos quarteis, tudo que aparece de errado, a culpa e posta no sargento e os causadores das desgraças, isentos de todo dolo...
- (7) Que o lula tenha um justo descanso atras das grades até o final de seus dias! Claro, devolvendo o que roubou do povo brasileiro!
- (8) Falaram suruba? Será que o juca tambem estava nesse voo?

Têm-se, nos exemplos selecionados, casos de ausência de acentuação que denotam distintos traços aproximadores para a explicação de um possível padrão relacionado ao espaço em que foram utilizados. Nos exemplos de paroxítonas terminadas em ditongo (comentário, competência, renúncia, vaticínio e falência), nossa inferência é a de que a não acentuação gráfica passa pelo fato de o usuário entendê-las pela tonicidade paroxítona falada. Nos demais casos selecionados, há oxítonas (quartéis, atrás e também) e monossílabos tônicos (já, mão e é), sendo importante observarmos que a própria fala dessas palavras não levaria a uma dúvida de sua tonicidade, o que também pode revelar que isso, no entendimento dos que escreveram os comentários, basta para a fala, não as acentuando graficamente.

Monotongação – Caracteriza-se a monotongação como o apagamento da semivogal em um ditongo, como em (9):

- (9) eh ziembinski, eh tdo uma grande conspiracao p/ derrubar a `alma mais honesta do brasil`. nem o pstista mais ufanista acredita no lula; apoiam pois gostam duma teta governamental. trabalhar que eh bom? necas.

O vocábulo aqui sublinhado advém inicialmente de uma junção comum na fala e menos usual na escrita, ainda que utilizada, na qual a preposição “de” se une ao artigo indefinido “uma”. O alçamento vocálico é responsável pela elevação do /e/ para /i/, dessa forma “diuma”, foneticamente [dʒi`uma]. Apenas aqui age a monotongação, o ditongo [ju] se reduz apenas à vogal [u], de maneira que o resultado final ocorre como “duma”, previsto na escrita padrão.

Alguns ditongos decrescentes orais tendem a ser monotongados na fala, como “ouro”, “queijo” e “peixe”. Isso ocorre pela economia que o próprio usuário da língua convencionou, levando a uma agilidade na conversação espontânea; portanto, inferimos que sua adoção em um contexto do comentário no *blog* se torna traço de oralidade com vistas a uma rapidez para leitura de seu comentário naquele contexto.

Aférese e apócope – A aférese é a queda ou a supressão da parte inicial de um vocábulo, como os casos que figuram em (10) e (11):

(10) O Brasil Ta em Alegria com isso mano, mas a festa vai ser quando o lula tiver atras das grades !

(11) Paulo.... pelo amor de Deus né.... para de mimimi.... que só pt q nada. Estão pegando ladrão pra todo lado e fazer o q ne... se o pt tb tá cheio de ladrão? Cadeia pra Lula e sua quadrilha.. pra temer...para Aécio e todos os demais ... para d mimimi e defenda o Brasil e não a quadrilha pt.

Os dois termos grifados “ta” e “tiver” advêm de verbos, permitindo-nos concluir que o fenômeno faz cair a sílaba átona dos verbos, fenômeno linguístico bastante comum no Português do Brasil com relação direta aos contextos de língua falada.

No caso da apócope, há uma supressão como na aférese, no entanto, neste caso, a queda é no fim da palavra, como em (12):

(12) Mau entrou no ônibus, e já que sentar na janela, com diria o profeta Romário.

O vocábulo grifado vem em lugar do verbo “querer” na 3ª pessoa do singular – quer, que era o termo esperado de acordo com a frase. Podemos perceber que esse fenômeno é facilmente observado na língua falada com a supressão do ‘r’ final, principalmente de verbos no infinitivo, traço também muito comum em contextos de uso de língua falada, o que também se mostrou recorrente em comentários, atestando ser um processo no qual o usuário da língua utiliza, estendendo tal uso para contextos previstos, em tese, para o uso da língua escrita.

Adoção do h como marca de tonicidade – Troca do acento agudo pela letra h, caracterizando um uso típico do internetês, como em (13):

(13) eh ziembinski, eh tdo uma grande conspiracao p/ derrubar a `alma mais honesta do brasil`. nem o pstista mais ufanista acredita no lula; apoiam pois gostam duma teta governamental. trabalhar que eh bom? necas.

O uso de “eh” para marcar a tonicidade e a indicação que se trata do verbo conjugado e não da conjunção é bastante revelador de como o funcionamento das concepções de um usuário pode levar a usos que mesclam o internetês, a oralidade e a escrita. No exemplo selecionado, observamos que o usuário, ao utilizar o “h”, pretende assinalar que sabe a diferença do uso com e sem acento, mas que optou pela indicação de uma forma comum no ambiente de internet, não fazendo uso do acento agudo.

Repetições – Repetir termos/ideias durante uma conversação espontânea é uma estratégia comum para, além de garantir a atenção do interactante, retomar o que está sendo dito. Os casos em (14) e (15) se referem à primeira intenção das repetições.

(14) Esse z pedro e doente ... sofre da doença petista... vai falar as coisa pra defender o chefe dele...lula...temer...aécio...geddel..e todos os demais ladrões na cadeia...e os amebas q defendem eles ... vao dormir vao!!!

(15) Você tem certeza do que esta afirmando? Será? Num acho não!!! Ah para oh!!! Eu hem? Tô fora!!! Aff!!!

Aqui grifados dois exemplos, o primeiro de dupla afirmação e o segundo de dupla negação. O mesmo termo aparece duas vezes como modo de afirmar a intenção de que algo realmente seja feito ou não. Em (15), aparece o vocábulo “num” como variante de “não”, seguindo um padrão oral de uso comum em situações de fala mais coloquial.

Expressões formulaicas – Uma das marcas mais constatadas nos comentários foi a presença de sentenças formulaicas, apresentadas de (16) a (22):

(16) Mau entrou no ônibus, e já que sentar na janela, com diria o profeta Romário.

(17) O dono do blog não se contém de alegria com essas armações para detonar o ex.presidente. A turma do Michel é barra pesada. Colocaram até um procurador infiltrado para detonar o Janot. Este não deu tiro no próprio pé. Ele na verdade foi ingênuo e não percebeu que estava sendo usado pelos caras por ele denunciados. E confiou no infiltrado. Agora, para tentar diminuir o prejuízo, ele sai distribuindo denúncias a torto e a direito. O LL é uma vítima certa e adequada.

(18) Noblat, acho que você está se precipitando, assim como o Janot. Esta corja do Lula e do PT dá nó em pingo d'água!

(19) Autofagia Petista! "O mal por sí se destrói ".

- (20) Deus te ouça!!!
(21) Recodar é viver: no dia após a divulgação das conversas em que o tal Joesley tinha grampeado o Temer, o Noblat deu um "furo" e afirmou que o Temer renunciaria. Passaram-se meses e nada...ô Noblat, desiste desse negócio de jornalismo, não é a sua praia!
(22) Se fosse uma empresa séria teria dado um pé no traseiro dele.

As expressões formulaicas são orações prontas comuns da língua falada, como metáforas frequentemente verificadas no cotidiano, ditados populares, provérbios, citações de livros ou personalidades muito conhecidos e outras expressões, que figuram como marca de oralidade por serem comuns à língua falada e de uso por grupos sociolinguísticos variados em situações diversas.

Nesse caso, podemos inferir que tais expressões se prestam a dar a coloquialidade do cotidiano em interações espontâneas, o que corrobora nossa ideia inicial de que os comentários, de fato, são elaborados a partir de uma concepção que o usuário tem de conversa naquele suporte e que, paradoxalmente, não “enxergaria” aquilo como um espaço da escrita formal.

Ao final de nossa análise, o objetivo de descrever recursos linguísticos que remetem a traços de usos tipicamente da oralidade a partir da constatação por meio do *Blog do Noblat* de casos categorizados por nós foi cumprido, provando que nosso levantamento conduz ao entendimento de que há influência de marcas do uso oral em comentários de modo recorrente, como se pode observar nos exemplos trazidos à análise.

Considerações finais

Neste artigo, ao tratarmos das marcas de oralidade em comentários de *blog*, entendemos que tais marcas funcionam também como marcadores de interatividade, uma vez que o comentário é utilizado como forma de se expressar ao mesmo tempo, aproximando-se de um ato de fala, isto é, aqueles que fazem, leem e respondem a comentários em *blogs* são interlocutores de um espaço de conversação, caracterizando-o pela presença de um leitor interlocutor.

Nesse ponto, portanto, chegamos à conclusão de que as ocorrências de traços típicos de oralidade que selecionamos a partir dos comentários do referido *blog* atestam nossa hipótese de que o espaço “comentários” vem sendo utilizado como um espaço no qual as pessoas se expressam como se estivessem conversando com seu interlocutor, sendo que alguns traços típicos da oralidade, como a ausência de acentuação gráfica e uso de expressões formulaicas, são muito comuns; outros se aproximam de mudanças já recorrentes na oralidade, como é o

caso da monotongação, da aférese e da apócope, denotando uma adoção por parte do usuário de tais usos de língua falada. Ainda, a constatação de que há usuários que mesclam o internetês, a oralidade e a escrita em seus comentários.

Por fim, comungamos da ideia de que não se deve considerar a presença da oralidade em textos escritos como um simples desvio da norma ou como um padrão de escrita informal, isto é, os traços de oralidade são os marcadores linguísticos que legitimam comentários em *blog* como um espaço conversacional feito por pessoas sem um perfil pré-estabelecido, diferenciando-se de textos que se enquadram em outros gêneros, comuns à língua escrita ou mesmo da língua oral. Podemos concluir, a partir disso, que o espaço de comentário em *blog* se enquadra, pelas ocorrências da oralidade constatadas por nós nesta pesquisa, como um gênero comum à língua oral, tendo sido transposto para a linguagem escrita por causa do suporte utilizado e considerada a concepção do usuário quanto ao uso da língua, naquele espaço de interlocução.

Referências bibliográficas

ANDRADE, M. L. C. V. O. Linguística e história: oralidade e escrita no discurso religioso medieval. In ANDRADE FILHO, R. de O. (org.). *Relações de poder, educação e cultura na Antiguidade e Idade Média*. São Paulo: Solis, 2005. p. 47-55.

CRYSTAL, D. *Language and the Internet*. Cambridge, Cambridge University Press. 2001.

FERRARI, P. *Jornalismo digital*. São Paulo: Contexto, 2004.

HILGERT, G. J.; CRESTANI, L. M. O *blog* noticioso na perspectiva da oralidade no texto escrito. *Calidoscópico*, v. 11, n. 3, set.dez.2013. p. 259-269.

KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2003.

KOMESU F. *Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet*. In MARCUSCHI, L. A; XAVIER A. C. (orgs). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 110-119.

LÉ, J. B. *Blog e Twitter: Composição, Conteúdo e Estilo em Gêneros Jornalísticos Digitais*. In VI SIGET - Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 2011, Natal-RN. Anais do VI Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 2011. v. 1. p. 1-15.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

RECUERO, R. C. Redes Sociais na internet, difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão. In SOSTER, D. de A.; FIRMINO, F. (orgs.). *Metamorfozes jornalísticas 2: a reconfiguração da forma*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009.

SILVA, F. M. da. *O leitor de blog: um estudo com base nos blogs mais acessados do Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara/SP, 2009. 158p.

_____. Gêneros jornalísticos para a prática em sala de aula. *REVELLI – Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG*. Inhumas, v. 2, n. 2, out.2010, p. 68-81.

_____. O Blog do Noblat e a caracterização de seus leitores. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 36, n. 61, jul-dez, 2011. p. 247-263.

NOBLAT'S BLOG: A LINGUISTIC ANALYSIS OF COMMENTS

ABSTRACT:

This article analyzes posted comments made by readers in a journalistic blog and which reproduces orality marks on digital platforms. It aims to identify and describe linguistic resources that typically reproduce traits of orality, proceed methodologically the analyze from Noblat's Blog, which in whose content discusses politics, from the survey made for two week in September 2017. The choice is justified by the blog's longevity, the subjects that it discusses and its pioneerism. Marcuschi (2002, 2003, 2005), Hilgert e Crestani (2013), Crystal (2001), Komesu (2005) and Recuero (2009) are the theoretical bases chosen to analyze the survey. It was concluded that the oral or written conception that the user of the language possesses can lead him to adopt certain traits of the spoken language, observing the place of use, his role as a user and the support in which he uses the written language.

Keywords: *Orality. Blogs. Linguistic analysis.*

Envio: janeiro/2018
Aceito para publicação: maio/2018